

## AS CRIAÇÕES LEXICAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

Carlos Roberto de Rezende Júnior\*

**RESUMO:** Dentre os componentes linguísticos, o lexical é o que mais reflete a evolução das línguas, por via essencial do fenômeno da criação lexical. Dada a necessidade do seu (re)conhecimento para o desenvolvimento da competência lexical em língua materna, importa-nos saber como este conteúdo vem sendo aplicado no ensino de língua portuguesa. Neste trabalho, apresentamos um recorte de pesquisa em andamento que tem como objetivo investigar, a partir de análise qualitativa e interpretativa, o(s) modo(s) de abordagens das criações lexicais, a partir da observação da coleção Português: Linguagens (2017, 2018, 2019), destinada ao ensino fundamental, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Anália Cochar Magalhães. Para tanto, será apresentada uma análise, com base nos Estudos do Léxico, do último volume da coleção, com vistas à proposta de demonstração de aplicação didática das criações lexicais para uma perspectiva de uso reflexivo da língua. A presente proposta se justifica, primeiramente, porque o fenômeno da criação lexical se faz presente em praticamente todos os gêneros textuais/discursivos. Por outro lado, observamos que na Educação Básica, em especial nos livros didáticos, o estudo das criações lexicais é restrito a certos gêneros, o que, conseqüentemente, tende a transmitir ao aluno a falsa ideia de que o estudo desse conteúdo se restringe apenas a tais gêneros. Ou, na maioria das vezes, as questões que envolvem o fenômeno da criação lexical não são abordadas, e quando são, privilegiam a metalinguagem que exige dos alunos conhecimentos de caráter normativo em detrimento de conhecimentos acerca dos usos reflexivos da língua. Nossa perspectiva é a de que os conhecimentos acerca do fenômeno da criação lexical, oriundos dos Estudos do Léxico, estejam presentes no ensino de língua portuguesa e possam contribuir para o desenvolvimento da competência lexical do aluno e para o uso reflexivo da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criação lexical; Ensino; Competência lexical; Livro didático de LP.

## LEXICAL CREATIONS IN TEACHING BOOKS: REFLECTIONS AND PROSPECTS

Carlos Roberto de Rezende Júnior  
(UFMT)

**ABSTRACT:** Among the linguistic components, the lexical is the one that most reflects the evolution of the languages, essentially the lexical creation phenomenon. Given the need for your (re) knowledge to develop lexical competence in mother tongue, we need to know how this content has been applied in Portuguese language teaching. In this paper, we present a research clipping in progress that aims to investigate, from qualitative and interpretative analysis, the mode (s) of lexical creations approaches, from the observation of the Portuguese: Languages (2017, 2018, 2019), intended for elementary education, by authors William

---

\* Graduando em Letras – Língua Portuguesa.  
Universidade Federal de Mato Grosso – CUR.  
carlosrobertoadv1@hotmail.com

Roberto Cereja and Thereza Anália Cochar Magalhães. To this end, an analysis will be presented, based on the Lexical Studies, of the last volume of the collection, with a view to the proposal to demonstrate the didactic application of lexical creations for a reflective use of language perspective. The present proposal is justified, first, because the phenomenon of lexical creation is present in practically all textual / discursive genres. On the other hand, we observe that in Basic Education, especially in textbooks, the study of lexical creations is restricted to certain genres, which consequently tends to convey to the student the false idea that the study of this content is restricted to such genres. Or, most of the time, the issues surrounding the phenomenon of lexical creation are not addressed, and when they are, they privilege the metalanguage that demands from students normative knowledge over knowledge about the reflexive uses of language. Our perspective is that the knowledge about the phenomenon of lexical creation, coming from the Lexicon Studies, is present in the teaching of Portuguese language and can contribute to the development of lexical competence of the student and to the reflexive use of language.

**KEYWORDS:** Lexical creation; Teaching; Lexical competence; LP textbook.

## 1. Introdução

Por meio deste trabalho, percebemos que o estudo do léxico já deveria estar na sala de aula, uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais, uma proposta curricular de abrangência nacional, orientam que ele deve ser um conteúdo ensinado.

Assim, nos propusemos a fazer a análise de uma coleção de Livros Didáticos, destinada ao ensino fundamental, a fim de compreender qual a orientação que esse material, soberano em sala de aula, dá aos professores, os quais muitas vezes não encontram tempo para uma formação continuada e, por isso, desconhecem algumas inovações na área Linguística.

Pela natureza do trabalho, fizemos um recorte e tratamos especialmente da criação e formação de novas palavras, a Neologia. Foi nosso objeto de estudo investigar como a coleção didática, de ensino fundamental, *Português: uma proposta de apontamento negativo* que trata da questão dos estudos do léxico.

Este trabalho, portanto, se insere no campo da Lexicologia, uma vez que tem como objetivo estudar as criações lexicais nos Livros Didáticos e refletir sobre as perspectivas em se tratando da prática de sala de aula. No que tange ao Livro Didático, doravante LD, percebemos que há um tratamento inadequado em relação ao ensino do léxico. Além de ocupar pouco espaço, como já foi esclarecido, o léxico é, na maioria das vezes, tratado como ensino de vocabulário.

Uma pergunta que motivou esta pesquisa foi por que o léxico, um componente essencial da língua, tem o seu estudo marginalizado na sala de aula? Sabemos que há um desconhecimento por parte da maioria dos professores sobre a importância dele. Além do mais, muitos materiais didáticos não trazem atividades relacionadas ao componente lexical, ou quando trazem, apresentam inadequações.

Após o estudo que empreendemos nesta análise, observamos que alguns materiais didáticos, mesmo que de forma reduzida, já trazem exercícios relacionados às questões lexicais. Isso configura um avanço, não muito positivo, embora ainda haja muito que se fazer.

Por se tratar de uma pesquisa aplicada, de caráter bibliográfico-qualitativo, o trabalho conta com o conceito de Neologismo como um item lexical ainda não dicionarizado, utilizando assim o critério lexicográfico para a sua definição.

Na análise foram extraídos os erros que nos mostram a falta do ensino com mais clareza lexical na coleção didática destinada aos alunos dos anos finais do ensino fundamental (9º anos) denominada Português. Essa coleção foi escolhida, de acordo com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2011, pela escola em que trabalho, pelo programa RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA. Por conhecer e utilizar a coleção, foi possível observar que ela contempla variados exercícios que envolvem a criação de novas palavras e que, portanto, podem compor um *corpus* de análise.

Foi realizado um levantamento dos exemplos que envolvam as criações lexicais e que podem ser utilizados como instrumentos didáticos. Não foi, entretanto, nossa intenção fazer um trabalho de intervenção direta na escola. Trata-se, na verdade, de uma ampla reflexão sobre as possibilidades de tratamento didático da Lexicologia.

O objetivo com este trabalho, portanto, é apontar alguns problemas que para o ensino de Língua Portuguesa que se mostram no LD de forma preocupante, e algumas sugestões que possibilitam aprofundar mais o estudo do léxico em sala de aula que os livros didáticos nos trazem pouco, ou até mesmo nos trazem de forma confusa.

## **2. Concepções de neologia/neologismo: o fenômeno da criação lexical**

As unidades lexicais de uma língua constituem um inventário ilimitado, em permanente renovação: certas palavras caem em desuso, surgem outras, de acordo com as necessidades. Para isso, as línguas são dotadas de mecanismos que possibilitam aos falantes a criação de novas unidades lexicais, chamadas de neologismos.

Há diferentes formas de se compreender os neologismos. Para certas concepções teóricas – como aquelas conhecidas pela designação genérica de “Gerativismo” –, o conceito de neologia não é necessário, porque os elementos e/ou os processos empregados na criação de novas unidades lexicais já estavam disponíveis no sistema.

A obsolescência de unidades lexicais que caem em desuso e o surgimento de novas unidades na língua, os Neologismos, são ocorrências naturais, previstas nos padrões de estruturação lexical das línguas vivas, como salienta Ferraz (2006). Com isso, o processo linguístico que consiste em produzir formas e significados inéditos no léxico de uma língua constitui a principal manifestação de inovação lexical. Esta, para realizar-se plenamente, recorre a três mecanismos linguísticos, quais sejam: a neologia formal, a neologia semântica e a neologia de empréstimos. Em sentido amplo, a Neologia, então, pode ser compreendida como o conjunto de processos de formação de palavras novas.

Para muitos estudiosos do léxico (ALVES, 1984, 1990; SANDMANN, 1989; CABRÉ, 1993), a noção de Neologismo está atrelada ao dicionário de língua. Entretanto, algumas questões se levantam vez ou outra, entre vários estudiosos, procurando saber quais elementos identificam o Neologismo, ou como comprovar e demonstrar o sentimento de novidade perante uma unidade léxica considerada nova ou, em outras palavras, quais as condições que um item léxico teria de cumprir para ser considerado um Neologismo.

Aqui, entendemos Neologismo como uma nova unidade lexical, previsível ou não, formada por mecanismos oriundos da própria língua ou por unidades lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos. Ao processo de criação lexical, dá-se o nome de Neologia (ALVES, 1990, p. 5).

Se o conceito de “novo” é sempre relativo a algo mais “velho”, faz-se necessário estabelecer procedimentos metodológicos para que uma unidade lexical seja caracterizada como “nova”. O procedimento adotado neste trabalho baseia-se no princípio do “*corpus* de exclusão” ou “filtro lexicográfico”.

O estudo dos neologismos é fundamental para a compreensão dos processos de formação de palavras. Além dos aspectos linguísticos – podem explorar as características fonológicas, morfossintáticas, semânticas, psicolinguísticas.

Apoiada nas considerações de Guilbert (1975, p. 34) e Boulanger (1979), Cabré (1993, p. 445) sintetiza todos os esforços para a identificação de Neologismos, apresentando os seguintes critérios:

- a) uma unidade lexical pode ser considerada neológica se tiver surgido em um período recente (critério diacrônico);
- b) uma unidade lexical será neológica se ainda não estiver registrada nos dicionários de língua (critério lexicográfico);
- c) uma unidade lexical será neológica se apresentar traços de instabilidade formal (fonética, morfológica, gráfica) ou semântica (critério de instabilidade sistemática);
- d) uma unidade lexical é neológica se os falantes de uma comunidade linguística a percebem como uma palavra nova (critério psicológico).

## 2.1 Léxico e as ciências do léxico

O léxico de uma língua é, genericamente, o conjunto de palavras, também chamadas de lexias, que a constitui e das regras de formação dela. Sandmann (1986, p. 203) nos confirma isso dizendo que “Da formação de palavras novas, de acordo com uma regra ou modelo, se distinguirá à analogia, formação de uma palavra especialmente sob inspiração de outras [...], conforme podemos conferir a seguir:

Léxico significa dicionário, é o conjunto dos vocábulos de uma língua, dispostos em ordem alfabética e com as respectivas significações. Léxico é a reunião dos termos próprios de uma arte, de uma ciência, de expressões regionais, de línguas clássicas antigas etc. Léxico é um dicionário que pode também reunir termos de um idioma, com suas respectivas versões em outra língua.

Na palavra (léxico) a letra (x) é pronunciada com o som de (cs). Léxico é um substantivo masculino, de origem do grego (lexikon).

As palavras que fazem parte do léxico estão sujeitas a constantes alterações, em função do desenvolvimento da língua falada e escrita. Um Neologismo, ou seja, a criação de palavras novas, ou de palavras antigas com acepções novas são, com frequência, acrescidas ao seu conteúdo.

Faz parte da língua viva a criação de novas palavras, sejam elas criadas por neologismo popular, estrangeirismos, termos que surgem nas comunicações eletrônicas, novos termos técnicos ou neologismos científicos.

O léxico de uma língua é um sistema muito abrangente, nele estão imbricadas questões de ordem gramatical (morfologia, sintaxe), semântica, discursiva, cultural, dentre outras. Nesse âmbito, é importante, então, entendermos que o léxico é estudado a partir das seguintes

disciplinas: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Essas disciplinas, portanto, apresentam-se em interseção umas com as outras e assim se definem, de acordo com Biderman (2001, p.16-19):

LEXICOLOGIA: ciência antiga que tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico; LEXICOGRAFIA: é a ciência dos dicionários; TERMINOLOGIA: se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano.

## 2.2 Competência lexical

Conforme os teóricos citados anteriormente, a competência lexical vai muito além de saber o significado das palavras. Sobre a competência lexical, Sandmann (1991, p. 23) salienta que:

A competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição.

Para Ferraz (2008), competência lexical é a habilidade, que o falante possui, para compreender as palavras em suas estruturas sonora e morfossintática, além de suas relações de sentido com outras unidades lexicais constitutivas da língua.

Essa competência compreende, ainda, a capacidade de formar palavras que são consideradas boas ou aceitáveis pelos outros falantes, além de ser capaz de bloquear formações lexicais inaceitáveis.

Segundo Basílio (2004, p. 90), a competência lexical é o “conhecimento internalizado do falante nativo sobre o léxico de sua língua, abrangendo itens lexicais, relações lexicais e processos de formação”. Conhecimento esse que, segundo Sandman (1991), além de fixar regras que conduzem à formação de novas unidades, também limitam essas formações, gerando bloqueios e restrições de unidades não previstas pelo sistema linguístico.

A partir desses conceitos, podemos verificar a importância de ações que contribuam para o desenvolvimento da competência lexical dos falantes. É importante lembrar que o desempenho lexical depende, também, de fatores externos, como a situação discursiva.

Saber para quem se produz, onde e como, é de vital importância para o sucesso da comunicação. Assim, o bom desempenho lexical envolve, além de outros fatores, conhecimento profundo das palavras.

## 2.3 Virtualidade do sistema

A língua propriamente é constituída por normas, por um sistema que organiza todas as regras, as quais o falante utiliza para poder se comunicar, ou seja, ele utiliza as regras já postas ou faz uso da criação de palavras novas.

Podemos então dizer que a virtualidade do sistema deve-se ao fato dele ser constituído por regras, uma vez que estas estão disponíveis, para o sujeito falante, se opõem ao virtual, ou seja, não existe mais é prevista, estão na virtualidade ela já existe, para ele utilizar quando for

necessário, o falante pode usar uma palavra nova sempre que for necessária usando a regra da virtualidade do sistema.

### 3. Ensino de Língua Portuguesa

É bastante preocupante como o insucesso escolar dos alunos não foi um fato isolado e esquecido no passado, quando a concepção de língua se baseava na língua como instrumento de comunicação. Ainda hoje persiste um quadro nada animador, que se manifesta de diversas maneiras.

Muitos mitos ainda rondam o ambiente escolar, especialmente o de que “português é muito difícil”. Aliado a isso, podemos citar os casos de evasão escolar e repetência. As dificuldades apresentadas pelos alunos em relação às habilidades de leitura e compreensão de texto também são reveladas no âmbito de outras disciplinas, além do português. Fatores externos à escola interferem de forma incisiva nesse processo. No entanto, ainda prevalecem, na escola, ranços de um ensino reducionista, em se tratando de língua materna.

Em alguns casos, percebe-se uma valorização do ensino descontextualizado, por meio da análise de frases soltas. De acordo com Antunes (2003), algumas ações já foram feitas para a melhoria desse quadro. Haja vista a proposta de ensino veiculada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que analisa os Livros Didáticos que serão adotados pela escola pública, corresponde a outro fator de mudança, uma vez que embasado pelas recentes teorias linguísticas, contribui para a produção dos manuais de ensino.

Além disso, outro fator que devemos considerar é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os vestibulares de algumas universidades que têm trazido a dimensão da textualidade para o dia a dia, tirando o foco da análise puramente metalinguística até então vigente. Esses e outros instrumentos de orientação pedagógica trazem uma visão de língua como interação.

Os problemas de ensinar os conteúdos ainda persistem nas escolas pelo fato de muitos professores terem uma formação que não compreende as novas teorias relacionadas à Linguística, Sociolinguística, Linguística Textual, Pragmática, Análise do Discurso. Muitos desses profissionais não buscaram uma formação continuada e acreditam que ensinar Português é sinônimo de ensinar gramática, por meio de frases e regras descontextualizadas as quais, muitas vezes, não encontram apoio no uso real da língua e dentro do Livro Didático.

Tem-se discutido sobre a questão do que ensinar e de que forma ensinar. Na pesquisa, entretanto, não é nosso objetivo negar e rejeitar o ensino de gramática.

Acreditamos, como Antunes (2003), que o professor deve refletir sobre as regras gramaticais que sejam úteis e aplicáveis à compreensão e aos usos sociais da língua; que tenha como referência o funcionamento efetivo da língua; que privilegie a aplicabilidade real de suas regras; que sejam contextualizadas; que tragam algum tipo de interesse, com intuito de desfazer o mito de que estudar língua é uma atividade desinteressante, penosa e quase sempre adversa.

A autora citada ainda ressalta que não há uma receita para ensinar língua. Professores e alunos devem pesquisar, analisar, criar hipóteses, aprender e reaprender juntos.

A propósito deste que fazer gostaria de lembrar que o professor parece estar acostumado a esperar que lhe digam o que ele tem que fazer. Como a tradição era seguir à risca, lição por lição, os livros didáticos, o professor

‘aprendeu’ a não ‘criar’, a não ‘inventar’ seus programas de aula. O conhecimento que passava e repassava era sempre produzido por outra pessoa, não por ele próprio. (ANTUNES, 2003, p.108)

O estudo de português deve ter como objetivo principal desenvolver a competência comunicativa do aluno para ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes. Verifica-se, ainda, no contexto escolar atual que o professor ficou sem oportunidade de criar, haja vista a sobrecarga de trabalho.

Em decorrência disso, apenas repassa o conhecimento que vem nos Livros Didáticos. Não é nossa pretensão rejeitar o livro didático, ao contrário, o que pretendemos é empreender uma análise para torná-lo melhor.

A língua é uma atividade interativa, direcionada para a comunicação social, composta por um conjunto de subsistemas que se integram e inter-relacionam. Uma língua, portanto, é constituída por dois componentes: AS CRIAÇÕES LEXICAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS este que, por vez, constitui o interesse principal do trabalho.

#### 4. Análise do Livro Didático

A análise do *corpus* revelou que o Livro Didático (LD) segue as teorias das Gramáticas Tradicionais (GTs), ou seja, o LD segue apenas a fórmula da GTs; O léxico é apresentado no sumário como estrutura e formação das palavras; e formação de palavras, nesses documentos como um conteúdo necessário para construir e aprimorar os conhecimentos linguísticos dos alunos que, como falantes do português, já vão para a escola com conhecimentos mínimos para uma comunicação básica. Cabe ao professor, então, estimular no aluno o que ele ainda não domina, por exemplo, selecionar adequadamente as palavras a serem usadas de acordo com a situação comunicativa a que se expuserem.

A esse respeito, torna-se de primordial importância também compreender a utilidade dos manuais didáticos mais além que do contexto escolar, uma vez que os Livros Didáticos configuram uma mínima contextualização do fenômeno da neologia dificultam e impossibilitam o desenvolvimento da competência lexical do sujeito aluno, ou seja, o ensino de (neologismo /neologia) que é proposto no LD é deslocado da realidade do aluno.

Segundo Sadmam (1991, p. 14), “se, por um lado à competência lexical nos leva a estabelecer regras que orientam a produção de palavras novas, por outro lado nos permite a verificar as restrições que limitam a produtividade das regras e os bloqueios que frustram essa mesma produtividade.”

O Livro Didático também apresenta uma lista de processos de formação de palavras de modo descritivo, descontextualizado e incompleto do ponto de vista dos Estudos do Léxico, focalizando apenas os processos considerados canônicos pela Gramática Tradicional, como a derivação e a composição. Certamente é inegável a importância do processo de formação no livro didático no contexto escolar como uma ferramenta auxiliar na relação de ensino-aprendizagem, constituindo-se, muitas vezes, como fonte de leitura para os alunos. Embora pouco contextualizado no fenômeno neológico, o livro escolar tende a melhorar muito no reconhecimento desses avanços lexicais.

Já foi citada a importância do enfoque lexical nas aulas de língua materna, especialmente, porque sabemos que o léxico é um dos componentes da língua; além disso, também, seu estudo contribui para a articulação das ideias de um texto e para a ampliação do repertório lexical do aluno.

Podemos destacar também que o LD não aproveita (e não reconhece) o processo de criação lexical por cruzamento vocabular, embora este tenha sido utilizado como exemplo no poema abaixo, cuja a estrutura é composta de várias unidades lexicais criadas por esse processo.

Ensinamos o neologismo nos estudos lexicais, iremos desenvolver a competência lexical dos nossos alunos, querendo que eles reconheçam estas regras virtuais, que aprendam estas regras que estão no sistema virtual dentro de contextos sociais, não descontextualizando as descrições que a Gramática Tradicional fala, e como os Livros Didáticos usam esses conteúdos da gramática, tornando-se assim, descritivos.

Queremos mostrar aos nossos alunos o reconhecimento dessas regras de modo que eles saibam aplicar em seus discursos diferentes gêneros discursivos, os quais também poderão produzir.

Desse modo, o intuito é fazermos com que nossos alunos consigam virtualmente aplicar essas regras que estão no sistema linguístico de modo que elas possam formar as palavras.

As regras do sistema linguístico envolvem todas as áreas, todos os oponentes da gramática, no entanto, o nosso foco nesse trabalho é dar ênfase somente no componente lexical.

Ao fazer a análise do Livro Didático, percebemos que ele não tem sido capaz de desenvolver essa competência lexical do aluno, justamente porque o Livro Didático está descontextualizado, levando em consideração somente a descrição que a Gramática Tradicional propõe ou reproduzindo o que a própria GT traz.

As regras de palavras que são produtivas, os Livros Didáticos não reconhecem, não percebem, pois o reconhecimento virtual das regras é de suma importância, uma vez que os Livros Didáticos estão utilizando as regras que a Gramática Tradicional valoriza e descreve.

As regras que são produtivas para a formação de novas palavras não são reconhecidas e colocam-nas em evidência, tornando-se foco de coisas sem importância. Podemos dizer, por exemplo, que o cruzamento vocabular é uma regra produtiva, mas a Gramática Tradicional não reconhece este cruzamento vocabular, por ser canônica, tornando as regras clássicas dentro das composições e da derivação.

Logo, acabam priorizando as que são mais populares nos discursos atuais, diante disso é que devemos desenvolver nos nossos alunos, as que são mais produtivas na nossa atualidade, mas não apenas as canônicas, como as demais, pois todas são importantes.

Precisamos mostrar para nossos alunos que os processos não são produtivos, com exceção da derivação / sufixação / prefixação, outros processos nem são mais produtivos, ou melhor, dizendo que temos muitos mais processos produtivos.



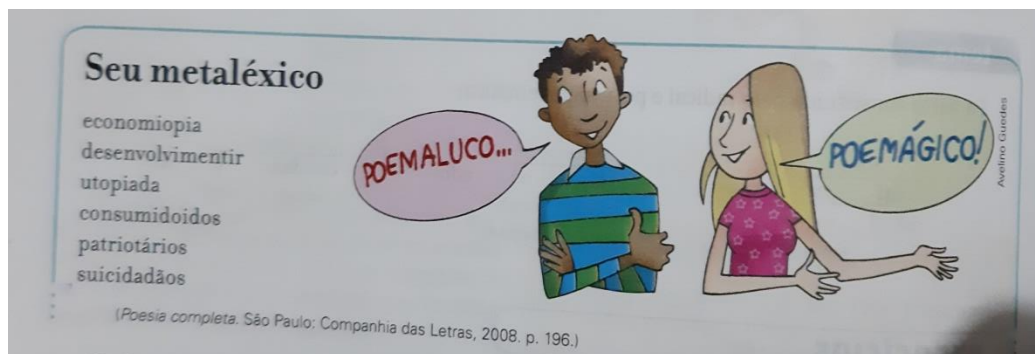


Imagem do livro didático (CEREJA/COCHAR, p.150, 2015)

Analizamos que não há nenhum tipo de exploração no referido poema sobre as respectivas criações lexicais por cruzamento vocabular, muitos aspectos importantes devem ser analisados. Diante do exposto que está sendo visivelmente ignorado no poema que orientam o aluno nos Livros Didáticos.

Desses aspectos, queremos destacar o que diz respeito ao léxico do português, considerando que, em grande parte dos Livros Didáticos, a Neologia Lexical ou não é tratada ou é abordada apenas em certos gêneros, em geral da esfera literária, o que pode dar ao aluno a falsa impressão de que a Neologia é restrita a tais gêneros.

Em muitos casos, o estudo da formação de palavras, quando abordado nos livros didáticos de português, passa a ser apenas uma classificação de formas já existentes na língua, sem levar em conta a criação contemporânea de unidades lexicais. Diante disso, consideramos relevante o estudo que contribua para o desenvolvimento da competência lexical, a partir da coleta e análise de formações lexicais contemporâneas (Neologismos), com desdobramentos que alcancem aspectos importantes do processo de ensino e aprendizagem, já que o desenvolvimento da competência lexical é condição indispensável para a produção e para a interpretação de mensagens escritas e orais.

Podemos citar criações lexicais presentes nas obras literárias, como é o caso de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. Grande mestre no regionalismo, o autor também deixou riquíssimas marcas ao inovar o cenário cultural por meio das invenções linguísticas que fizera. Ele incorporou prefixos nas palavras já existentes, por exemplo:

“CIRCUNTRISTEZA”, = “tristeza + circundante”,

“ARRELEQUE”, = “asas abertas + leque”.

Em outros casos, ele verdadeiramente inventou palavras como é o caso de “embriagatinhar”, cujo sentido pode perfeitamente se aplicar àquela pessoa que engatinha, de tão bêbada que aparenta estar.

Outro representante de nossas letras é Manuel Bandeira, cujo poema tem como título “Neologismo”:

Beijo pouco, falo menos ainda.  
Mas invento palavras  
que traduzem a ternura mais funda  
E mais cotidiana.  
inventei, por exemplo, o verbo teadorar.  
Intransitivo  
Teodoro, Teodora.

### Manuel Bandeira

Constatamos que o poeta cria, como ele mesmo atesta, o verbo “teadorar”, resultando na junção do pronome oblíquo + o verbo adorar, o qual poderia ser assim conjugado:

Eu teadoro  
Tu teadoras  
Ele teadora... e assim por diante.

Mediante tais elucidações, o fato é que as criações lexicais, mesmo não estando formalizadas, ou seja, retratadas pelo dicionário, exemplificam o quanto a dinamicidade de nossa língua se faz cada vez mais presente. Assim, eis a questão: será tal ocorrência uma riqueza para esse sistema tão rico (no caso, a língua), ou será algo prejudicial? Obviamente que devemos encará-la como algo que só tem a acrescentar, nada mais.

Assim podemos perceber que o ensino de língua materna deve contemplar o léxico como um componente da língua e não apenas a gramática uma vez que, de acordo com Antunes (2007, p. 43), “Na verdade, é o conjunto – léxico e gramática –, materializado em textos, que permite a atividade significativa de nossas atuações verbais.”

Percebemos que quando se trata do ensino, o léxico tem ocupado um lugar de muita estranheza nas salas de aula para os alunos, haja vista que os livros didáticos dão uma ênfase maior para atividades que envolvam o campo gramatical da língua deixando de mostrar em um âmbito maior a oportunidade dos alunos verem com mais frequência nas páginas as criações lexicais.

Nas referências do Livro Didático, não são apresentadas obras que identifiquem uma fundamentação dos Estudos do Léxico, o que comprova o desconhecimento dos autores do LD da referida teoria e, por conseguinte, a utilização dos modelos da Gramática Tradicional, para propor a abordagem do assunto.

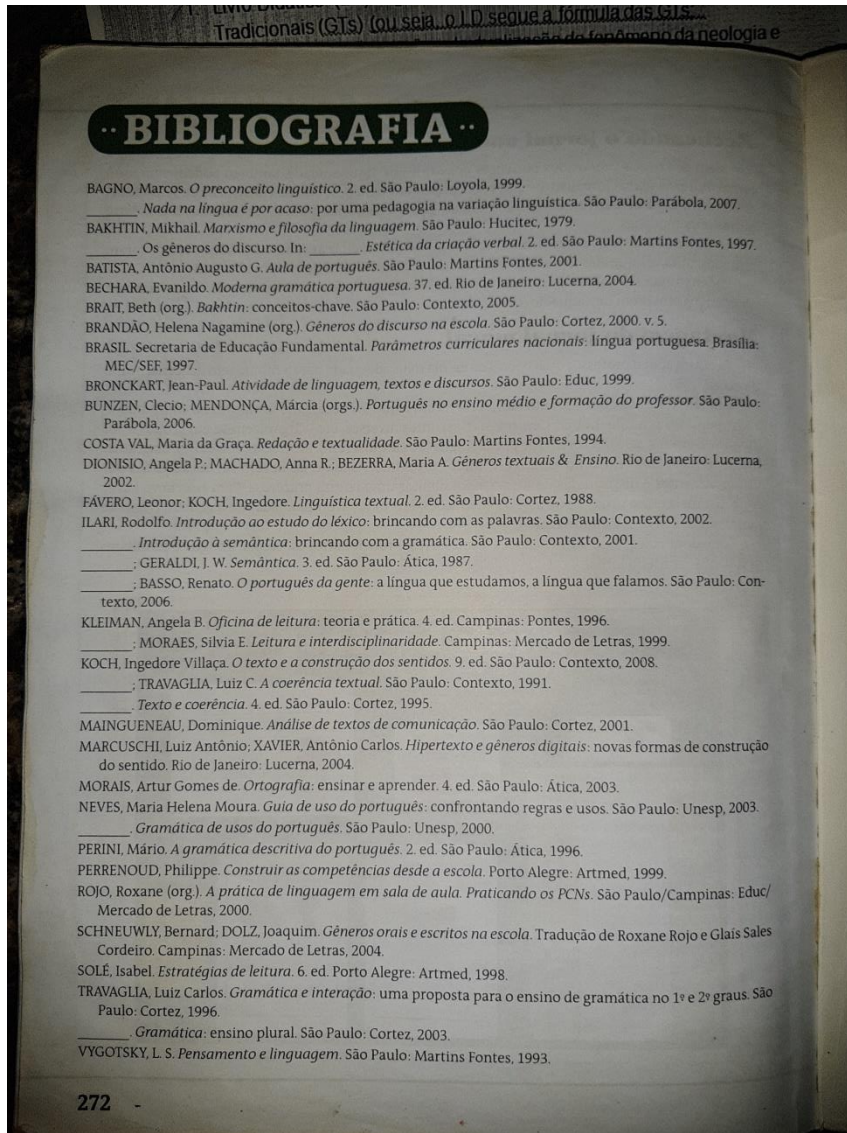


Imagem da Bibliografia do livro (CEREJA/ COCHAR 9º, 2015, p. 272)

## 5. Considerações finais

Pudemos observar que, embora a coleção didática analisada traga algumas inovações em relação ao tratamento do léxico, em especial no que tange à Neologia, ainda há algumas limitações nesse material, uma vez que os exercícios que envolvem o item lexical ainda aparecem em número muito reduzido ou até mesmo sem fundamentação para os alunos saberem; alguns conceitos estão inadequados e não há uma sequência nas atividades.

Por fim, percebemos que o trabalho com o léxico é de suma importância, uma vez que quanto mais conhecimentos lexicais o aluno possuir, mais facilidade terá para ler, compreender e produzir textos. Isso contribuirá para o desenvolvimento de sua competência comunicativa.

Acreditamos, portanto, que o caminho para contribuir tanto teórica, quanto metodologicamente para o ensino do léxico no nível fundamental, não deve passar somente pelo que consta nos livros didáticos, no que tange aos exercícios de vocabulário, mas também através de uma visão mais ampla de professores, estudiosos e pesquisadores do léxico.

Nossa perspectiva é a de que os conhecimentos acerca do fenômeno da criação lexical, oriundos dos Estudos do Léxico, estejam presentes no ensino de Língua Portuguesa e possam contribuir para o desenvolvimento da competência lexical do aluno e para o uso reflexivo da língua.

## 6. Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**. Criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras**: estudo do léxico na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

CEREJA, William Roberto. Magalhães, Thereza Cochar. **Português - linguagens**. 9º ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

DUARTE, Vânia. **Criações Lexicais**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/criacoes-lexicais.html>> Acesso em: 22 Out. 2019.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: Maria Cândida T. C. de Seabra. (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217-234.

\_\_\_\_\_. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia. **Língua portuguesa, educação e mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008, p. 146-162.

\_\_\_\_\_. El desarrollo de la competencia léxica desde el uso del material auténtico en la enseñanza de PLE. **IX Congreso Internacional de Linguística General**. Universidad de Valladolid, 2010 (a), p. 1846-1859.

\_\_\_\_\_. Publicidade: a linguagem da inovação lexical. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010 (b).

\_\_\_\_\_. Produtividade lexical no português brasileiro: o que pode nos informar um observatório de neologismos. In: PERNAMBUCO, Juscelino. FIGUEIREDO, Maria Flávia. CÂMARA, Naiá Sadi. **Textos e Contextos**. Franca: UNIFRAN, 2012, p. 13-37.